



horizontes da comunicação

*experiências, entrevistas e
transcrições na pandemia*

Laura Ferreira Guerra
Ana Javes Luz
Nísia Martins do Rosário
Paula Viegas
(Organizadoras)



IMAGINALIS
EDITORA

Laura Ferreira Guerra
Ana Javes Luz
Nísia Martins do Rosário
Paula Viegas
(Organizadoras)

Horizontes da comunicação: experiências, entrevistas e transcrições na pandemia

1ª edição
Porto Alegre

EDITORA  **IMAGINALIS**

UFRGS
2021

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Imaginalis. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Editora Imaginalis.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Ana Maria Lisboa de Mello

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Artur Simões Rozestraten

Universidade de São Paulo, Brasil

Blanca Solares

Universidad Nacional Autónoma de México, México

Corin Braga

Universitatea Babeş-Bolyai, Romênia

Cremilda Medina

Universidade de São Paulo, Brasil

Ionel Buse

Universitatea din Craiova, Romênia

Jean-Jacques Wunenburger

Université de Lyon III, França

Malena Contrera

Universidade Paulista, Brasil

Maria Cecília Sanchez Teixeira

Universidade de São Paulo, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial Científico da Editora Imaginalis bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial: Ana Taís Martins

Projeto gráfico: Francisco dos Santos

Diagramação: Laura Ferreira Guerra

Revisão: Autores(as)

Organização: Laura Ferreira Guerra, Ana Javes Luz, Nísia Martins do Rosário e Paula Viegas.

Esta publicação foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA**

H8119 Horizontes da comunicação : experiências, entrevistas e transcrições na pandemia. / Laura Ferreira Guerra, Ana Javes Luz, Nísia Martins do Rosário, Paula Viegas (Organizadoras). — Porto Alegre : Imaginalis, UFRGS, 2021.
p.

ISBN 978-65-5973-084-1 (pdf)

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Fake news. 4. Isolamento social. 5. Pandemia Covid 19 I. Guerra, Laura Ferreira. II. Luz, Ana Javes. III. Rosário, Nísia Martins do. IV. Viegas, Paula.

CDU: 316.77

agosto, 2020

Comunicação de massa no Brasil da covid-19: entre o negacionismo e a responsabilidade social¹

Luiz Artur Ferraretto
PPGCOM-UFRGS

Primeiro, eu quero agradecer o convite do Sindicato Intermunicipal dos Professores de Instituições Federais de Ensino Superior do Rio Grande do Sul (ADUFRGS). É um prazer estar aqui conversando com as pessoas através deste espaço virtual. Agradeço a oportunidade de estar com o professor Cleber Matos de Moraes (UFPB) e a professora Maria Helena Weber (UFRGS). Para mim, é uma honra, principalmente, estar

¹ Texto adaptado da apresentação no evento on-line **Conversas ADUFRGS**, organizado pelo Sindicato Intermunicipal dos Professores de Instituições Federais de Ensino Superior do Rio Grande do Sul (ADUFRGS-Sindical), no dia 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/iE8ktjI9phE>.

com a Milena², que foi minha professora em várias oportunidades e é uma referência para todos nós. Achei muito interessante ambas as falas. Acho que eu vou ao encontro de alguns pontos que foram colocados por eles.

De qual ponto de vista que eu falo? Qual é o meu lugar nesta situação? Qual é o meu ponto de observação? Eu falo a partir das pesquisas³ que a gente faz no Núcleo de Estudos de Rádio (NER/UFRGS), que é o meu grupo de pesquisa dentro da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico/UFRGS). Eu sou pesquisador de rádio comercial e trabalho basicamente com emissoras comerciais. Com a pandemia, a gente se obrigou a ter algumas iniciativas mais amplas na área de comunicação. Até se trabalhou isso na forma de um *e-book* sobre covid-19 e comunicação⁴ e outro sobre a questão do uso educativo do rádio⁵, como uma saída emergencial neste momento. O que eu vou falar aqui é resultado desses trabalhos.

2 Em referência à professora e pesquisadora Maria Helena Weber.

3 Os dados apresentados são do artigo Responsabilidade e negacionismo: apontamentos sobre o rádio brasileiro em tempos de covid-19 (FERRARETTO, maio-ago. 2020).

4 FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. Covid-19 e comunicação, um guia prático para enfrentar a crise. Rio de Janeiro: Válega, 2020.

5 FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. Dez passos para o ensino emergencial no rádio em tempos de covid-19. Rio de Janeiro: Válega, 2020.

Eu quero começar citando uma frase de William Shakespeare, que eu acho interessante: “A teia da nossa vida é de fios mesclados, o bem e o mal juntos”⁶. A gente fala “a mídia”, mas a mídia é muita coisa. Não é algo assim tão totalizante quanto os estudiosos da indústria cultural, da Escola de Frankfurt, achavam lá no passado. Tem muitas nuances. A gente fala de pandemia e tem que pensar que toda crise precisa de um enfrentamento para ela própria. O enfrentamento da crise em si é uma comunicação a respeito desse enfrentamento. Infelizmente, no Brasil, não se tem isso.

O governo federal não fez o enfrentamento esperado da crise. Foram dois passos para frente, três para trás, um passo de novo e, assim, foi ficando cada vez mais confuso. E a comunicação da crise, principalmente no primeiro momento, não ficou centralizada nos órgãos públicos. Ela foi transferida, como foi também o enfrentamento em si da crise, para governadores e prefeitos, muitas vezes, com seus erros e com seus acertos. A comunicação a respeito do enfrentamento foi transferida para a mídia, para os grandes veículos de comunicação, para a mídia de menor porte e para as redes sociais.

E aí a gente tem que pensar que a comunicação se realiza na cabeça de quem recebe essa comunicação. A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi muito sábia já em fevereiro em falar

6 SHAKESPEARE, William. **Bem está o que bem acaba**. Porto: Lello, 1948.

em infodemia como outro problema em paralelo ao da covid-19. Lembro que, em 15 de fevereiro de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, usou a expressão para alertar sobre o perigo da desinformação e das *fake news* em relação à covid-19: “Nós não estamos lutando apenas contra uma epidemia. Nós estamos lutando contra uma infodemia” (GHEBREYESUS, 15 fev. 2020). Eu posso enumerar alguns exemplos do que está acontecendo e acho que existem muitos aspectos ainda para serem estudados, do ponto de vista histórico, inclusive, a respeito do que está se vivendo. É muito difícil nesse momento tão próximo e com a pandemia em andamento chegar a conclusões que envolvem irresponsabilidade, ética – são termos que eu vou evitar na minha fala em que vou trazer alguns exemplos do que a gente está registrando em trabalhos, com foco maior no rádio a respeito do que está acontecendo. Mas é cedo para fazer julgamentos maiores, do meu ponto de vista, do ponto de vista de alguém que trabalha com história da comunicação.

Eu fico imaginando a cabeça do cidadão comum, que não tem acesso a tanta informação quanto tem um jornalista ou um professor universitário. O presidente posa com uma caixinha de remédio⁷. O governador do estado, Eduardo Leite (PSDB),

7 Referência a seguidas manifestações públicas do presidente da República, mostrando uma caixa de cloroquina, medicamento que, mesmo descartado pela ciência, foi apresentado por Jair Bolsonaro (sem partido) e seus seguidores como “tratamento precoce” contra a covid-19.

em uma semana, aqui no Rio Grande do Sul, chega e pede a colaboração da população quase em pânico. Tem um modelo teórico⁸ construído para avaliação do que está acontecendo. O chamado modelo de distanciamento controlado utilizado pelo governo do Rio Grande do Sul é apresentado de uma forma mais restritiva com muitas áreas em vermelho na sexta-feira, em amarelo durante o final de semana. Não entro no mérito. Acho que todo mundo tem que sobreviver, mas saúde é mais importante que economia, porque a gente precisa sobreviver para poder fazer a economia andar. Esse modelo virou meme, virou piada: tudo avermelha até o final de semana, tudo alaranja na segunda-feira

O prefeito de Porto Alegre Nelson Marchezan Jr. vai para a mídia, vai aos hospitais, com um discurso correto a respeito da gravidade do problema. Proíbe os jogos de futebol. Dias depois libera tudo e fala em duas semanas de funcionamento do comércio. Durante duas semanas, o novo coronavírus “vai se retirar, aparentemente, não vai infectar ninguém”?... E vai ter umas semanas que tudo vai estar fechado. Qual é a base científica disso? Como é que se constrói isso na cabeça das pessoas?

Um jogo de futebol... Tem “toda” a segurança do mundo. Na mesma emissora de rádio em que você ouve um discurso com

8 Referência ao chamado modelo de distanciamento controlado utilizado pelo governo do Rio Grande do Sul.

base científica, entrevistas, ponderações importantes, alertas à população, daqui a pouco você também se depara com um sujeito que é do esporte e defende a volta do futebol como se fosse um jovem que quer jogar a sua “peladinha”. Vamos acreditar que o jogo é seguro. Mas o que comunica a realização desse jogo? Que tudo está liberado. O que comunicam as fotos nas redes sociais de profissionais que estão fazendo a cobertura dos jogos a menos de um metro um do outro, dentro de um estúdio sem máscaras?

Então, a gente tem uma confusão muito grande em termos de informação. Um problema seríssimo de comunicação. Por trás de tudo isso, há a desvalorização do conhecimento – do conhecimento científico e do conhecimento jornalístico –, feita através de redes sociais e impulsionada, muitas vezes, até por jornalistas... O negacionismo também está presente dentro do jornalismo, dentro da comunicação em geral.

Em um primeiro momento de impacto da covid, a gente vai ver uma valorização do papel da imprensa no contexto da pandemia e do negacionismo, como foi mencionado na fala da Milena, mas eu tenho dúvidas: será que a imprensa neste momento tem o mesmo peso que ela tinha em abril com toda a pressão comercial que está acontecendo para que se libere isso ou aquilo? Cito um dado do Datafolha, publicado pela *Folha de São Paulo*, em 23 de março de 2020: de 18 a 20 de março, os programas jornalísticos de TV eram confiáveis para 61% da população e os jornais para 56% da população, e os programas jornalísticos

gerais para 50% da população. A maior desconfiança estava no *WhatsApp* (58%) e no *Facebook* (50%). Será que esses dados ainda são reais?

No processo, com tanta informação sobre a covid, a exemplo do que já aconteceu com a insegurança, a pobreza, a miséria, o assassinato de negros no Brasil, o assassinato de pobres, será que as pessoas não começam a ver tudo isso como uma coisa normal como viam no passado? Como meus avós, meus bisavós, quando tinham aquelas famílias com 10, 12 crianças e já sabiam que, pelas condições de saúde, algumas daquelas crianças não iam sobreviver, nem chegar na adolescência ou na idade adulta... É uma questão importante para que se tenha clareza a respeito.

A gente tem uma posição inicial de responsabilidade, tem aquelas campanhas de solidariedade, vamos bater palmas para os profissionais de saúde... Emissoras de rádio – no meu caso, é o que eu estudo – produziram spots juntas, misturando profissionais do Rio de Janeiro e São Paulo e passando a mensagem de que “estamos todos no combate contra a covid-19”. Emissoras de rádio liberaram o seu sinal para outras emissoras em dificuldades usarem aquela programação. Houve programas transmitidos, corretamente, de dentro de hospitais, mostrando a realidade, que foram elogiados pelo Conselho Regional de Medicina. É o caso de um programa realizado pela Rádio Gaúcha, ao lado da emergência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Tem um impacto

positivo na cabeça dos ouvintes. Mostra a luta de uma categoria, a do pessoal da saúde. Mas é desconstruído por alguns comunicadores de menor impacto na própria mídia... É desconstruído nas redes sociais... Por quem nesse último caso? Por pessoas que nem se sabe quem são, muitas vezes.

Em paralelo a isso, nós temos o negacionismo explícito. Vou citar alguns exemplos, sempre descrevendo o que foi publicado pelos jornais e sem me posicionar. Primeiro, a gente tem que entender o que é negacionismo. Um pequeno trecho de um livro cujo título é *Denialism*⁹ – negacionismo –, que não foi publicado em português, é do Michael Specter:

Todos nós estivemos em negação em algum momento de nossas vidas. Diante de verdades muito dolorosas para aceitar, a rejeição muitas vezes parece a única maneira de se lidar com algo. Nessas circunstâncias, fatos – por mais detalhados ou irrefutáveis – raramente fazem a diferença. Negacionismo é negação ampla, quando um segmento inteiro da sociedade, muitas vezes, lutando contra o trauma da mudança, afasta-se da realidade em favor de uma mentira mais confortável (SPECTER, 2009, p. 7).

É evidente. Todos são humanos. Todos estão sob pressão. O sujeito tem um ritmo de vida. No caso dos jornalistas esportivos,

9 SPECTER, Michael. **Denialism**: how irrational thinking hinders scientific progress, harms the planet, and threatens our lives. Nova Iorque: The Penguin Press, 2009.

em janeiro, há um determinado tipo de cobertura, um determinado tipo de envolvimento com o futebol. Em fevereiro, vai ser outro. Em março, vai ser outro. Vai ter um momento em que ele vai acompanhar a final ou a ida do time do seu estado para um campeonato mais importante, como a Libertadores da América. E aí se quebra isso e o sujeito entra em “tilt”.

Bom, a gente teria que pensar nos efeitos psicológicos, no que isso representa para quem escuta aquele sujeito, aquele sujeito que está lá naquela posição... Eu disse: eu respeito as pessoas que têm essas posições, mas me parece ilógico defender a alegria do futebol no momento em que há a tristeza das milhares de mortes no país.

Mas é necessário falar de negacionismos mais explícitos. Alguns exemplos. Vou citar o do empresário Edir Macedo, do Grupo Record, que foi apoiador do presidente Jair Bolsonaro, conforme publicou o jornal *O Estado de São Paulo*, no dia 30 de setembro de 2018. De acordo com a colunista Mônica Bergamo, da *Folha de São Paulo*, em texto de 16 de março de 2020, na página A6, o empresário divulgou um vídeo nas redes sociais em que considera a covid-19 uma “tática de satanás” e critica “o pavor que a mídia tem usado”. Pouco depois, no dia 12 de junho de 2020, o portal R7, que é do Grupo Record, informava que ele havia contraído covid dias antes e estava se recuperando graças ao uso de cloroquina. É aquele medicamento que o presidente defende e – Macedo apoia o presidente – que teve suas pesquisas

suspensas, como registra o jornal *O Globo*, em 4 de julho de 2020. Como registra a revista *Veja*, em 17 de junho de 2020, naquele momento o Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército já gastara R\$ 472 mil na produção de 2,25 milhões de comprimidos de cloroquina, 150 mg. Essas informações, os jornalistas têm acesso, uma parcela da população tem acesso, mas a maioria não tem acesso, não consegue relacionar uma informação com a outra.

Posso lembrar um profissional de microfone da Rádio *Jovem Pan*, que é a sexta emissora em audiência na Grande São Paulo. Registra a revista *IstoÉ*, no dia 2 de setembro de 2019, que boa parte dos colunistas e comentaristas da rádio está alinhada à direita do espectro político. Jornalismo é uma atividade – pelo menos, eu aprendi isso na faculdade –, em que a gente tem de ouvir todos os lados. Uma vez, batendo papo com um grupo de alunos meus, eu disse “Olha, não existe jornalismo nem de direita, nem de esquerda. Existe jornalismo”. E um deles diz assim: “Nem de centro”. E essa é a realidade. É esse o papo de redação que a gente tem. Talvez tenha muito romantismo nisso, porque tem outros interesses. Explicitamente, começou a se conviver com outro “jornalismo” – uns chamam de jornalismo de opinião, jornalismo feito pensando nas redes sociais, nos cliques, enfim.

Na *Jovem Pan*, destaca-se o Augusto Nunes, que já teve passagem aqui pelo Rio Grande do Sul. Vou pinçar algumas frases dele citando as datas dessas manifestações. Em 3 de junho de 2020,

a respeito da OMS: “Não dou a menor bola para o que eles pensam porque eles não entendem nada”. Ao defender o uso da cloroquina, Augusto Nunes transforma o debate como uma oposição entre esquerda e direita: “Se você é a favor do Lula, você é contra a cloroquina. Se você é a favor do Bolsonaro, você recomenda a cloroquina”. Isso foi dito na *Jovem Pan*, no dia 21 de maio. Antes do confinamento ser adotado, em 5 de março, quando a gente ainda não sabia direito o que vinha pela frente, ele disse que havia uma campanha alarmista e, portanto, ele se posicionava contra o alarmismo... Um direito dele. Em seguida, em abril, ele critica os governadores e prefeitos que estavam tendo uma postura mais dura, mais relacionada com o que a OMS recomenda – aquela que não tem sentido nenhum segundo o próprio comunicador. Ele vai classificar essas pessoas e essas atitudes como “excessivamente rigorosas”, “uma crueldade” e “uma violência contra a verdade”. E usa uma frase, no dia 3 de junho de 2020, que é uma frase que a gente observa com muita frequência em grupos mais à direita: “Os jornalistas especializados em cobertura de velório”. Todos os que têm uma postura mais crítica em relação ao governo passam a ser tachados assim.

Como há um crescimento da *Globo*, do *Jornal Nacional*, e da *GloboNews* nesse período, Nunes diz no dia 3 de julho, “a Globo está em combate a favor do coronavírus”. E também desconstrói pesquisas, como a do Imperial College. Em 10 de abril, chega a anunciar que está otimista, pois o Brasil estaria ganhando a

guerra contra o coronavírus. Chega a dizer, em determinado momento, que tinha uma viagem para ser feita e ia fazer a viagem. Depois, ele não volta ao assunto. Pelo menos, não pelo que se conseguiu ver nas redes sociais, no que está disponibilizado na internet.

Por fim, tem-se as fontes negacionistas. E aí há um erro dos jornalistas, que usam fontes negacionistas. Provavelmente, a fonte mais negacionista de todas é, num primeiro momento, com base no estudo que eu fiz até o final de junho¹⁰, o deputado do MDB Osmar Terra. Entre tantas considerações, em um artigo publicado na *Folha de São Paulo*, ele diz que no Brasil, ao redor da terceira semana de abril de 2020, deverá começar a queda do número de novos casos terminando na primeira semana de junho.

Bom, se pode considerar negacionismo como *fake news*? É cedo para analisar isso, pois se está muito próximo do fato e o fato segue em andamento. Mas eu quero fazer algumas considerações, já me encaminhando para o final da minha fala, a respeito de fontes. Tecnicamente, sem entrar em questões ideológicas ou em questões éticas: o que é uma fonte verdadeira e uma fonte falsa?

10 O já referido artigo [Responsabilidade e negacionismo: apontamentos sobre o rádio brasileiro em tempos de covid-19](#) (FERRARETTO, maio-ago. 2020).

Existem fontes que são as autoridades. Por exemplo, não adianta tentar desconstruir e dizer que a mídia não deve ouvir o então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, porque ele não é da área médica. Ele é uma autoridade. Precisa ser ouvido.

É a mesma lógica do acompanhamento daquele momento em que o presidente da República, que é uma autoridade, fazia aquela intermediação entre uma claqué e os jornalistas que estavam ali presentes¹¹. Meio que mobilizando seus apoiadores contra a imprensa mais tradicional. Autoridade é autoridade. Existem as testemunhas e os protagonistas (quem viu o fato e quem protagoniza o fato) e existem os especialistas.

Eu cito um exemplo de desconstrução, que alguns estão fazendo, inclusive na mídia. É a desconstrução como fonte do reitor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o professor Pedro Hallal¹², que não tem na graduação formação médica, mas possui mestrado e doutorado em Epidemiologia. Bom, se você não quer considerá-lo como especialista para ser ouvido, considere-o como

11 Referência às chegadas e saídas de Jair Bolsonaro do Palácio do Planalto, onde se aglomeram fãs do presidente, situação acompanhada pelos jornalistas até o final de maio de 2020, quando a imprensa passou a ser hostilizada pelos presentes e a mídia não alinhada com o governo suspendeu esse tipo de cobertura (CORREIO BRAZILIENSE, 25 maio 2020).

12 Em janeiro de 2021, deixou o cargo, terminando o seu período à frente da instituição.

autoridade. A universidade que ele dirige, onde é o gestor principal, é a responsável por uma das maiores pesquisas existentes¹³ a respeito de covid-19 no Brasil. Então, Hallal é fonte. Não adianta querer desconstruí-lo como fonte. Tecnicamente, ele é uma fonte.

O que é covid-19? Eu não sou médico, mas pelo que leio é uma síndrome respiratória. Eu preciso, portanto, sendo jornalista, entrevistar como especialista quem é da área de epidemias, de vírus e de sistemas respiratórios. Eu não contrato o técnico que resolve o problema de esgoto do meu prédio para resolver o problema do ar-condicionado. Talvez ele até tenha esse conhecimento, mas é expertise múltipla em demasia, digamos assim.

O primeiro problema que se está vivendo é a construção de fontes que não são verdadeiramente fontes. Essas fontes interessam para alguém. Teria que se analisar para quem interessa. Também há outro problema que é a transposição de visibilidade, o que está acontecendo agora com o Felipe Neto, um dos mais populares *youtubers* brasileiros, que se notabilizou, ao longo de 2020, pelas fortes críticas ao bolsonarismo. Na mídia, alguns bolsonaristas criticam Felipe Neto e tem uma transposição de visibilidade dele para si – e é isso que buscam. Têm o direito de

13 Na mídia não alinhada ao bolsonarismo, o levantamento chega a ser tratado como “a maior pesquisa sobre covid-19 no mundo” (PARÊNTESE, 25 ago. 2020).

criticar? Têm o direito de criticar. Mas não têm o direito de ofender, nem de usar *fake news* como argumento. Isso é problemático¹⁴.

Por fim, como uma última provocação que eu deixo aqui para vocês pensarem. Muitos dizem que há uma construção política em torno do presidente da República, muito embasada nas redes sociais. Mas a gente precisa lembrar que ele começa a aparecer, como curiosidade, em programas de redes menores de televisão, em programas sensacionalistas... Ou as duas coisas: sensacionalistas e de redes menores. Isso é usado para reverberar Bolsonaro e suas opiniões nas redes sociais. Por isso, tem que se olhar amplamente esse quadro.

Achei muito interessante a divisão que foi apresentada pelo Cléber entre redes sociais *on-line* e *off-line*, especialmente quando se fala em comunicação. Da mesma forma, a gente tem que olhar a comunicação como um todo. Lembro uma vez que eu estava em uma discussão promovida pelo Ministério da Educação e alguém falou para rebatizarmos o curso de Rádio e TV ou de Radialismo como “Comunicação Digital”. E alguém respondeu: “Não, gente. comunicação digital é agora. Em seguidinha, vai ser só comunicação”. A gente precisa de uma visão ampla, no espaço e no tempo.

14 Referência a comentários de comunicadores de menor destaque na mídia, divulgando mentiras a respeito do *youtuber*.

Nessa visão ampla com o objeto – a pandemia e o enfoque dado pela comunicação à pandemia, que ainda está em andamento –, a gente está próximo em demasia no tempo. No futuro, vai se ter mais segurança para ver questões éticas, sociológicas, psicológicas... Enfim, vai se precisar analisar também não apenas pelo viés da comunicação, mas pelo viés da saúde. É preciso ver a pandemia por vários pontos de vista para ter uma ideia completa desse momento. Pelo lado da história, se constata que a pandemia remonta a outros fatos e situações que já aconteceram no país, como a Revolta da Vacina no início do século passado. Outro exemplo é a resistência em relação à chamada gripe espanhola, denominação hoje que é totalmente preconceituosa, como “vírus chinês”. A gripe dita espanhola nem surgiu na Espanha.

Enfim, essas negações e esses conflitos que existem entre o senso comum, construído pelas pessoas, pelo cidadão dito comum. O senso jornalístico deveria quebrar um pouco essa ideia de senso comum. Alguns, em função das redes sociais, buscam curtidas, cliques e burburinho... Vão muito ao encontro do senso comum e abandonam sua condição de jornalista, de comunicador, enfim. E tem o senso científico, que precisa ser referendado pela ciência. Eu falei antes em especialista. Existem especialistas e especialistas. Se eu sou jornalista e estou em um veículo de comunicação, eu vou buscar o maior especialista possível. Eu não vou buscar o senso comum, eu não vou buscar o sujeito que critica

os grandes especialistas. Ele critica com base no quê? Só se ele for um grande especialista também. E quem é que disse que ele é um grande especialista? Precisa ser a comunidade científica.

Então, é com essa observação que eu encerro essa fala inicial. Agradeço novamente a oportunidade de estar aqui debatendo, trocando informações e aprendendo nesse processo.



Referências

AO VIVO: Gaúcha Atualidade é transmitido direto do CTI do Hospital de Clínicas. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/06/ao-vivo-gaucha-atualidade-e-apresentado-direto-do-cti-do-clinicas-ckbung8b8000301629peli4wx.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.

ARAN, Edson. A rádio que virou TV. **IstoÉ**, São Paulo, 2 set. 2019. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/a-radio-que-virou-tv>. Acesso em: 2 set. 2019.

BERGAMO, Mônica. Edir Macedo apaga vídeo em que diz que coronavírus não passa de estratégia de Satanás e da mídia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 mar. 2020. p. A6. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/03/edir-macedo-apaga-video-em-que-diz-que-coronavirus-nao-passa-de-estrategia-de-satanas-e-da-midia.shtml>. Acesso em: 16 mar. 2020.

BISPO Edir Macedo vence a covid-19 e recebe alta médica em São Paulo. **R7**, São Paulo, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/bispo-edir-macedo-vence-a-covid-19-e-recebe-alta-medica-em-sao-paulo-12062020>. Acesso em: 12 jun. 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação**: um guia prático para enfrentar a crise. Rio de Janeiro: Válega, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/livroner>.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Dez passos para o ensino emergencial no rádio em tempos de covid-19**. Rio de Janeiro: Válega, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/10passosner>.

FERRARETTO, Luiz Artur. Responsabilidade e negacionismo: apontamentos sobre o rádio brasileiro em tempos de covid-19. **Radiofonias**, Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, ano 11, n. 2, p. 15-38, maio-ago. 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216527/001119550.pdf?sequence=1>

FRAZÃO, Felipe. Edir Macedo declara apoio a Bolsonaro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 set. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro,70002526353>. Acesso em: 6 jul. 2020.

GHEBREYESUS, Tedros Adhanom. Munich Security Conference. **World Health Organization**, Genebra, 15 fev. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/munich-security-conference>. Acesso em: 5 abr. 2020.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Modelo de distanciamento controlado**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos//modelo-de-distanciamento-controlado-apresentacao.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

HOFMEISTER, Naira. Como a UFPEL realizou a maior pesquisa sobre a covid-19 no mundo. **Parêntese**, Porto Alegre, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/reportagem/um-clarao-nas-trevas/>. Acesso em: 5 ago. 2020.

LEITÃO, Matheus. Exército já gastou quase meio milhão de reais com cloroquina desde março. **Veja**, São Paulo, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/matheus-leitao/exercito-ja-gastou-quase-meio-milhao-de-reais-com-cloroquina-desde-marco>. Acesso em: 6 jul. 2020.

MARQUES, José. TVs e jornais lideram índice de confiança em informações. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 mar. 2020. p. A5. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MASSARO, Carlos. Exclusivo: contra a covid-19, rádios do Grupo Bandeirantes liberam programações para retransmissão de outras emissoras. **Tudo Rádio**, Curitiba, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/23280-exclusivo-contr-a-covid-19-radios-do-grupo-bandeirantes-liberam-programacoes-para-retransmissao-de-outras-emissoras>. Acesso em: 4 abr. 2020.

OMS retira cloroquina de testes em definitivo e confirma novo recorde de casos por covid. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 jul. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/oms-retira-cloroquina-de-testes-em-definitivo-confirma-novo-recorde-de-casos-por-covid-24516149>. Acesso em: 6 jul. 2020.

RÁDIO JOVEM PAN. **Os Pingos nos Is**. São Paulo, 5 mar. 2020. Programa de rádio. Disponível em: <https://jovempan.com.br/videos/programas/os-pingos-nos-is/os-pingos-nos-is-05-03-2020.html>. Acesso em: 10 jun. 2020.

RÁDIO JOVEM PAN. **Os Pingos nos Is**. São Paulo, 10 abr. 2020. Programa de rádio. Disponível em: <https://jovempan.com.br/videos/programas/os-pingos-nos-is/os-pingos-nos-is-10-04-2020.html>. Acesso em: 11 abr. 2020.

RÁDIO JOVEM PAN. **Os Pingos nos Is**. São Paulo, 21 maio 2020. Programa de rádio. Disponível em: <https://jovempan.com.br/videos/programas/os-pingos-nos-is/os-pingos-nos-is-21-05-2020.html>. Acesso em: 22 maio 2020.

RÁDIO JOVEM PAN. **Os Pingos nos Is**. São Paulo, 3 jun. 2020. Programa de rádio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dlzyf3vHPac>. Acesso em: 6 jun. 2020.

RÁDIO JOVEM PAN. **Os Pingos nos Is**. São Paulo, 3 jul. 2020. Programa de rádio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tqDbmX-7JSQ>. Acesso em: 5 jul. 2020.

SHAKESPEARE, William. **Bem está o que bem acaba**. Porto: Lello, 1948.

SOARES, Ingrid. Apoiadores de Bolsonaro hostilizam jornalistas em frente ao Alvorada. **Correio Braziliense**, Brasília, 25 maio 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/25/interna_politica,858160/apoiadores-de-bolsonaro-hostilizam-jornalistas-em-frente-ao-alvorada.shtml. Acesso em: 25 maio 2020.

SPECTER, Michael. **Denialism**: how irrational thinking hinders scientific progress, harms the planet, and threatens our lives. Nova Iorque: The Penguin Press, 2009.

STARCK, Daniel. Rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo se unem em campanha #juntosnumasofrencia no enfrentamento ao coronavírus. **Tudo Rádio**, Curitiba, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/23246-radios-do-rio-de-janeiro-e-de-sao-paulo-se-unem-em-campanha-juntosnumasofrencia-no-enfrentamento-ao-coronavirus>. Acesso em: 31 mar. 2020.